

O lance do Rolex

José Carlos Rodrigues
Juliana d'Arêde

Introdução

Quando, no espaço público das cidades brasileiras, ocorre um incidente capaz de interromper a normalidade rotineira, é comum formarem-se ajuntamentos de tamanho variável e de composição heterogênea. Nesses súbitos agrupamentos, que as pessoas em algumas regiões do Brasil conhecem pela designação curiosa de “bolinhos de gente”, normalmente comparecem indivíduos interessados em informar-se sobre detalhes do fato ocorrido e em se manifestar sobre o mesmo. Ainda que às vezes pareçam ignorar-se reciprocamente, estas pessoas com frequência estão dispostas a se ouvir, com a finalidade de se colocar a par das opiniões e das formas de se manifestar dos companheiros de ajuntamento. Isso costuma acontecer, por exemplo, quando há uma briga, quando dois carros colidem, quando na rua alguém passa mal, é atropelado, detido por um policial, feito vítima de um assalto...

Não é raro vermos variações desses ajuntamentos em nossas cidades, como pequenas aglomerações socialmente diversificadas, próximas às bancas de jornal, atraídas pelos fatos (políticos, esportivos, policiais, etc.) que as manchetes reportam. Aqui e ali podemos testemunhar curiosidade e sociabilidade semelhantes em torno do aparelho de televisão de um bar ou de uma loja de eletrodomésticos. Apesar de prescindirem da presença física e de se restringirem quase apenas a uma parcela das camadas que dominam a escrita e que frequentam certos patamares de consumo, as recentes tecnologias de comunicação têm permitido, facilitado e estimulado a formação dessas confluências de pessoas e de grupos. Estes se reúnem em torno dos

assuntos e dos acontecimentos que se tornaram de interesse coletivo. É o caso dos grupos de discussão, dos *blogs*, das trocas de *e-mails*, por exemplo. Em tempos de sociedade de espetáculo (Debord, 1997), esses “bolinhos” às vezes podem assumir dimensões colossais.

Primeiros dados

Luciano Huck, o conhecido apresentador de programas da rede Globo de Televisão, teve seu relógio de marca Rolex roubado por duas pessoas que se transportavam em uma motocicleta, em um bairro rico da zona sul de São Paulo. Huck estava em um automóvel dirigido por um importante empresário amigo seu, cujo relógio, da sofisticada grife Bulgari, teve o mesmo destino (mas nem de longe este último fato obteve igual repercussão nos meios de informação). O carro estava parado diante de um sinal vermelho quando os motociclistas emparelharam e o passageiro da moto apontou um revólver para a cabeça do apresentador exigindo que lhes fosse entregue o presente dourado recentemente recebido da esposa, a também muito conhecida apresentadora Angélica. Tratou-se de um tipo de crime bastante recorrente nos congestionamentos de trânsito da cidade, que muitas vezes é realizado com armas de brinquedo.

O lance seguinte, talvez decisivo, foi um artigo escrito pela vítima, refletindo sobre o episódio. Sob o título de *Pensamentos quase póstumos*, o texto foi publicado na importante seção Tendências/Debates do jornal Folha de S. Paulo um dia após o ocorrido – ou seja, em 1º de outubro de 2007. Especulando a partir do incidente, Luciano Huck apelou para os sentimentos dos leitores:

Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destrocada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio. Por quê? Por causa de um relógio.

Assumindo tom de desabafo Huck declarou que, como brasileiro, sentia “até pena dos dois pobres coitados” que haviam praticado a ação, inferindo que “não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades”. Contudo, apesar da aparência inicialmente concessiva, observou que tal carência “não justifica ficar tentando matar as pessoas” e concluiu que o lugar dos assaltantes “é na cadeia”.

Provocou:

Onde está a polícia? Onde está a “Elite da Tropa”? Quem sabe até a “Tropa de Elite”? Chamem o comandante Nascimento! Está na hora de discutirmos segurança pública de verdade (...) Onde estão os projetos? Onde estão as po-

líticas públicas de segurança? Onde está a polícia? Quem compra as centenas de relógios roubados? Onde vende? Não acredito que a polícia não saiba. Finge não saber. Alguém consegue explicar um assassino condenado que passa final de semana em casa!?

Deslocando um pouco o foco, o artigo acrescentou de modo severo:

Passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso.

Como cidadão paulistano, fico revoltado. Juro que pago todos os meus impostos. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa.

E no final do texto:

Desculpem o desabafo, mas hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio. Isto não está certo.

Primeiras interpretações

Este artigo encontrou uma extraordinária repercussão na mídia, materializada em cartas enviadas para a redação do jornal, em artigos jornalísticos, em matérias para programas de rádio e televisão e em debates na internet. Isso se deveu – é claro – a que envolvidos no incidente havia muito mais do que uma simples pessoa e do que um simples relógio: tratava-se respectivamente de uma celebridade e de um símbolo inequívoco de posição social. O entrelaçamento do objeto, dos criminosos e da vítima evocou simbolicamente dramas sociais bem mais complexos.

O roubo de Huck e de seu Rolex, bem como o artigo que resumimos, trouxe imediatamente à tona questões como desigualdade social, desemprego, propriedade privada, caos urbano, insegurança, educação, justiça, miséria, democracia... Entre outras razões, que ficarão nítidas adiante, devemos considerar que o roubo de um relógio – e especialmente de um Rolex (mais que um relógio, uma joia) – não é um roubo qualquer.

Em nossa cultura, o relógio se tornou uma espécie de emblema que sintetiza um modo de vida (Rodrigues, 2006: 83-112): algo que quase todas as pessoas querem possuir em casa, algo que se deseja portar individualmente na roupa ou no corpo. O

relógio transformou-se em um objeto tão inerente a nós, que muitos não se sentem inteiros sem ele – daí o seu uso frequente durante o sono, no banho, nas praias, nas férias, nas aulas de ginástica e mesmo nas relações sexuais. O marcador de tempo passou a ser um símbolo quase onipresente, evocando valores apolíneos tais como normalidade social, seriedade, responsabilidade, disciplina, planejamento e exatidão. Desde sua invenção o relógio foi um símbolo de poder e de hierarquia social. Por isso, no incidente em foco a transgressão relativa ao símbolo ameaçou também os valores simbolizados. E isso foi magnificado pelo extremo valor do objeto roubado, assim como pela projeção social das pessoas vitimadas.

#

É à exposição das manifestações relativas ao debate suscitado pelo roubo do Rolex de Luciano Huck que dedicaremos as páginas seguintes. Eliminadas as mensagens redundantes, a pesquisa tomou por base a seleção de um *corpus* de cerca de 50 conjuntos de manifestações a propósito do acontecimento e que ocorreram na internet de modo mais intenso nas cinco semanas posteriores ao incidente. O ponto de partida foi a hipótese de que essas manifestações nos forneceriam interessante material para uma reflexão sobre representações sociais a respeito da sociedade brasileira.

Neste sentido, estas manifestações foram tomadas como dramatizações, na linha sugerida por Victor Turner (1974, 1982, 1986). Segundo esta perspectiva, ao dramatizar acontecimentos as pessoas e grupos problematizam questões efervescentes de sua sociedade e procuram encaminhar para as mesmas soluções ao menos simbólicas. No caso em análise, podemos verificar que um incidente localizado, ocorrido em um sinal de trânsito de uma cidade determinada, expandiu-se dramaticamente pelos meios de comunicação como acontecimento de importância nacional. O que inicialmente chamou nossa atenção foi o fato de que no “bolinho eletrônico” o crime individual assumiu dimensões políticas, suscitando intensa polêmica sobre desigualdade e injustiça sociais no Brasil e sobre os modos de solucioná-las. Por isto, neste trabalho teremos oportunidade de nos defrontar com uma situação em que o debate central deixou de ser o incidente em si, transformando-se genericamente em controvérsia sobre as relações entre determinismo social e liberdade individual.

Em outros termos, a perspectiva de análise que pretendemos trilhar considera que, ao explicitarem os conflitos latentes, as acusações, as defesas e as contra-acusações são ao mesmo tempo análise e autoanálise da sociedade em que vivem, elaboradas pelos emissores e receptores envolvidos. Em outras palavras, ao se posicionarem sobre as mencionadas questões, as acusações e as defesas não apenas apontam para focos de tensão na vida social, mas também constituem oportunidades para os polemistas envolvidos e para a própria sociedade refletirem sobre si, manifestando neste mesmo ato as posições aceitas como existentes e tidas por legítimas. Para este viés teórico, a unidade da sociedade pode não se fazer apenas *por* consenso. Também não se estabelece *apesar* dos dissensos. Pode perfeitamente produzir-se *por meio* de conflitos.

Mais dados

Entre as reações imediatas suscitadas pelo artigo de Huck também teve intensa repercussão na mídia o ponto de vista expresso por outra personalidade bastante conhecida, o escritor e *rapper* Ferréz. Este texto foi publicado no mesmo espaço do mencionado jornal, uma semana depois, com o título de *Pensamentos de um 'correria'*.

Ferréz imaginou o ladrão como sendo um “correria” – ou seja, como alguém que ataca com grande velocidade e de modo repentino. Fabulou o perfil de seu personagem literário como o de um morador de periferia, habitando próximo do lixo, mas sem se considerar parte deste. Ele tem pai ausente, padrasto violento, filho para cuidar, mãe alcoólatra e parentes dependentes dos frutos colhidos em suas ousadias e correrias. Estes familiares não querem saber da procedência do dinheiro com que o correria lhes traz um pouco de alívio. No romanceado de Ferréz, o correria é uma pessoa espantada que, incrédula, pergunta-se como é possível alguém usar no braço um objeto cujo valor poderia permitir a compra de várias casas no bairro distante ou na favela em que reside.

O correria é um jovem socialmente excluído. Mas ao mesmo tempo este personagem está incluído como receptor dos meios de comunicação de massa e por isso tornou-se pessoa fascinada pelos bens de consumo mitificados pela publicidade. Ele é um jovem hipnotizado por tais objetos: no contexto da comunidade em que vive estes bens atribuem *status* a quem os possui e ajudam a atrair as meninas. Para Ferréz o jovem correria é alguém que como tantos aprendeu nos e com os anúncios de televisão que “ou você tem ou você não é nada”. Um ser humano que se tornou adepto da teoria de que é “melhor viver pouco como alguém do que morrer velho como ninguém”.

De modo oposto àquilo que em seu artigo Huck fabulou sobre si e sobre as eventuais consequências de sua morte, na resposta literária de Ferréz o correria não teria qualquer pessoa que o pranteasse. Caso viesse a fracassar em sua missão criminosa, diferente do que Huck imagina para si, não haveria manchete no Jornal Nacional para o correria. Talvez nem mesmo o fato chegasse aos rodapés do noticiário dos periódicos comuns.

Ferréz ironizou, tangenciando com sarcasmo o texto de seu adversário:

Se a missão falhar, não terá homenagem póstuma, não deixará uma família destrocada, porque a sua já é, e não terá multidão triste por sua morte. Será apenas mais um coitado com capacete velho e um 38 enferrujado jogado no chão, atrapalhando o trânsito. Teve infância, isso teve, tudo bem que sem nada demais, mas sua mãe o levava ao circo todos os anos (...) Ela começou a beber a mesma bebida que os programas de TV mostram nos seus comerciais, só que, neles, ninguém sofre por beber.

Portanto, para o correria,

Estava decidido, iria vender o relógio e ficaria de boa talvez por alguns meses. O cara pra quem venderia poderia usar o relógio e se sentir como o apresentador feliz que sempre está cercado de mulheres seminuas em seu programa. Se o assalto não desse certo, talvez cadeira de rodas, prisão ou caixão, não teria como recorrer ao seguro nem teria segunda chance. O correria decidiu agir. Passou, parou, intimou, levou.

Eis a polêmica conclusão do texto de Ferréz:

No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio. Não vejo motivo pra reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes.

Dados sobre o zunzunzum (e mais algumas diretrizes de interpretação)

Uma avalanche de manifestações teve lugar durante várias semanas na internet. Houve acusações pessoais; aconteceram tentativas de desqualificar os enunciados desqualificando os enunciadores.

Huck foi acusado de oportunismo, de agir apenas em seu interesse próprio, de se apresentar mais como celebridade do que na condição de pessoa. Em outras palavras, o apresentador foi recriminado por sua suposta tentativa de apresentar-se enquanto “personalidade” mais do que como cidadão – o que significava assumir-se implícita ou explicitamente como superior:

Por que um cidadão vem a público mostrar sua revolta com a situação do país, alardeando senso de justiça social, só quando é roubado? Lançando mão de privilégio dado a personalidades, utiliza um espaço de debates políticos e adultos para reclamações pessoais (sim, não fez mais que isso), escorado em argumentos quase infantis, como “sou cidadão, pago meus impostos”. Enquanto isso inocentes morrem no meio da violência do tráfico de drogas que toma conta de algumas cidades do país, morrem também outros inocentes em hospitais sem nenhuma infraestrutura. O que será que se passa na cabeça do Luciano Huck diante de tais notícias? Será que o apresentador sente a mesma indignação que tomou conta dele ao ser assaltado? Tantas desgraças acontecendo no mundo, tantas vítimas sofrendo diariamente com falta de condições básicas de sobrevivência, como saúde, alimentação e moradia. Qual o motivo do espetáculo? Apenas um relógio? (...) O apresentador deve

realmente viver no mundo mágico da televisão, aquele que aparece nos comerciais de margarina.

Ostentação está fora de moda. O cara quer andar pelas ruas com um Rolex, aqui no Brasil, onde a desigualdade social é tão grande, e ainda sair ileso? Quer ostentar, pague o preço. Não tem nada que chorar. Assume o prejuízo, que a fila está andando. Celebridade não tem imunidade diplomática.

Em relação à fama e à competência do Sr. Huck, seria conveniente lembrarmos que a ascensão do mesmo nesta máquina de fabricar idiotas, que é a nossa televisão, deveu-se a exibições explícitas de sadomasoquismo e pornografia barata em seu programa na Band. É claro que ele, como qualquer cidadão, sofre com a violência que impera nos dias de hoje. Mas não seria o caso de questionar a sua contribuição à caótica situação em que vivemos, com seu sensacionalismo barato de início de carreira e também a contribuição do veículo do qual ele faz parte?

Mas Huck encontrou muitos defensores que algumas vezes fizeram uso da estratégia de exaltar o enunciador para valorizar seus enunciados. Os argumentos de defesa apoiaram-se em geral nas idéias de igualdade, segurança, punição, direitos de propriedade individual e de manifestação. Mas estes argumentos apresentaram-se quase sempre embalados por adjetivações que remetiam a características como empreendedorismo, generosidade, filantropia, competência, talento, etc. atribuídas à personalidade do apresentador. Um quase-culto à personalidade:

Mas não foi preciso tornar-se vítima da violência para acordar para os problemas sociais deste nosso Brasil. Há muito, Huck dedica parte de seu tempo e de sua popularidade para ajudar a quem precisa. Prova disso é o Instituto Criar, entidade criada por ele em 2003 que atualmente atende a 150 jovens.

Qual é o pecado estudar, trabalhar e ganhar dinheiro honestamente???! Luciano Huck não escreveu esse artigo só por causa do Rolex, podem ter certeza que ele tem dinheiro para comprar vários outros e este não vai lhe fazer falta nenhuma. Mas o que aconteceu com ele atinge todos que trabalham e que compram seus objetos de sonho com esse dinheiro, não importa a classe social desta pessoa. O sentimento de indignação e impotência diante de uma arma (seja ela de brinquedo ou não) é o mesmo.

O apresentador, pelo pouco que conheço de sua vida particular, trabalha desde cedo, conquistou sua fortuna com competência e talento, nunca o vimos envolvido em escândalos ou em jornais de fofocas quentíssimas e infames, sabemos ter ele certo toque de Midas (e o que os críticos com sua revolta têm a ver com isso?) e parece-me, certamente, que ele tem todo o direito de ter um Rolex ou um carro de três dígitos ou o que quer que seja que desperte atenção de pessoas.

Luciano Huck não é culpado de nada. Ele é vítima. Quem de nós pode tirar dele o direito de andar de Rolex? Quem de nós pode criticar uma pessoa que ganha dinheiro (honestamente, diga-se) com trabalho? A não ser os invejosos do talento e das oportunidades alheias. Esses deviam se envergonhar. Deveriam mirar sua língua enorme, feia e invejosa para cima daqueles que envergonham o país lá em Brasília. Deveriam saber que, um dia, o coitado do “sujeito que nunca teve oportunidade, então teve que roubar” poderá apontar uma pistola bem no meio de suas caras. Será que nesse momento eles vão se lembrar do capitão Nascimento?

Sob as vestes de preocupação social e política:

Luciano adora o que faz... Acredita, verdadeiramente, num mundo melhor. Acha que pode fazer o brasileiro mais feliz, construir um país mais bacana, ser um cara mais legal do que já é e, ainda por cima, ganhar um montão de dinheiro.

Até parece que o Luciano é o culpado, por andar com um Rolex. Onde iremos parar?

Ah tááá (...) como o cara só reclamou quando foi roubado, então a sua revolta não faz sentido. Acabamos de inaugurar segundo a nossa social e justa esquerda tupiniquim um novo conceito de direito civil e social: quem reclama mais e com antecedência mama melhor.

Nós pobres também somos assaltados e até mortos por “este pobre que se permite assaltar”. O que se está discutindo aqui não é um Rolex: é a tua segurança de andar com um Rolex ou com dez reais no bolso para pegar o trem. O que se discute hoje é a nossa segurança e a permissividade com relação aos crimes. Mas não é só na ONG que Luciano dedica-se a fazer o bem. Há algum tempo, o apresentador faz a alegria de brasileiros em quadros como o “Agora ou Nunca” e “Lata Velha”, no qual recupera automóveis de espectadores que escrevem para a produção. O mais novo sucesso é o “Lar, Doce Lar”, no qual as famílias encaram um desafio para ter a casa própria reformada pelo “Caldeirão do Huck”.

Por que uma pessoa que trabalha honestamente, ganha dinheiro honestamente, e ainda contribui para a sociedade com Ongs e quadros como o Soletorando não possui o direito de reclamar???? Por acaso as pessoas ricas perderam o direito de reclamar? Elas não têm mais direitos somente pelo fato de serem ricas?

Ferréz foi muito acusado de fazer apologia do crime. Na base desta crítica o juízo de que seu raciocínio, por ser maniqueísta, acabava considerando que somente

os pobres poderiam ser virtuosos. Além disso, para os críticos, Ferréz sugeriria que os ricos seriam necessariamente desprovidos de sentimentos nobres.

Compareceram aqui os mesmos argumentos de segurança, de direito de propriedade e manifestação, além de críticas ao enunciador visando a desmerecer o enunciado:

Ferréz inventa uma história de um coitadinho de mãe bêbada e faz apologia ao crime, com uma lógica torta.

Onde vamos parar quando um cidadão perde seus bens e o outro acha isso natural? Como não poder usar o que se conseguiu à custa de trabalho?

O *rapper* talvez acredite que exercita um sutil sarcasmo com semelhante provocação, mas revela-se de fato apenas leviano, ao nos apresentar como justificado o mergulho pleno na barbárie.

O argumento utilizado pelo *rapper* Ferréz de que o rico sai ganhando quando escapa ileso de um assalto seria um primor de cinismo, não fosse antes uma imensa tolice. Mal sabe o autor que repete em seu texto o argumento utilizado na Antiguidade para justificar a escravidão. Naquela época, considerava-se que o escravo deveria agradecer ao senhor por mantê-lo em cativeiro, pois a opção a isso teria sido a morte (após a conquista de uma cidade-estado inimiga, por exemplo). Assim, escravo e senhor saíam ganhando, dado que este obtinha benefícios econômicos ao explorar o trabalho servil, enquanto aquele preservava o que tinha de mais valioso, a sua vida!

O Ferréz não é legítimo representante da periferia coisa nenhuma. *Rapper* não representa periferia. Cantor, artista, não representa periferia. São uma minoria dentro da periferia, que não sabe o que é trabalhar tendo que cumprir horário, tendo que bater ponto e aguentar insulto de patrão. Quem representa a periferia é a imensa maioria de cidadãos trabalhadores que não suportam ter seu celular roubado pelo marginal que mora na rua de trás.

Não me venham com falsa moral dizer que um Rolex paga várias casas populares e que o ato danoso de roubar é justificável por uma crise social que assola o país. Ladrão que rouba Rolex está se lixando pra miséria.

Não vejo fascismo algum em querer um pouco de segurança. Não vejo onde se encaixa defesa ao vagabundo, ladrão, desgraçado que aponta uma arma à cabeça de um jovem pai de família para roubar um relógio, seja ele de 10 reais

ou de 100 mil reais. Não importa o valor do que é roubado, o que importa é que aquele objeto não pertence ao ladrão.

O pensamento de Ferréz é determinista, preconceituoso e irreal. É determinista porque, segundo ele, o assaltante rouba por ser pobre, excluído e induzido ao crime pelo consumismo, a ideologia das elites. Se todos agem em razão de determinismos sociais, não há lugar mesmo para a moral. Salve-se quem puder, tudo pode ser justificado. É preconceituoso porque, para ele, os sentimentos nobres só podem estar no lado dos oprimidos. O assaltante rouba para cuidar de sua família, para sustentar muitas pessoas. Ele não iria para um programa de auditório, ele não gosta de heróis norte-americanos, ele não bate, prefere atirar (quanta virtude...). Finalmente, é irreal porque nenhum desses pressupostos é demonstrável. Não se explica a criminalidade somente pela privação econômica, como também, não existe virtude só entre os mais pobres. E a popularidade dos super-heróis e programas de auditório é incontestavelmente maior entre os menos favorecidos. Sobre alguma coisa? Bem, o artigo é divertido e atinge o objetivo: chocar. O problema é que não agrega nada para uma discussão em sociedade, para uma ação coletiva.

Mas Ferréz também encontrou algum apoio:

A exclusão social não justifica a delinquência ou o pendor ao crime, mas ninguém poderá negar que alguém sem direito a escola, que cresce num cenário de miséria e abandono, está mais vulnerável aos apelos da vida bandida. Por seu turno, pessoas públicas não são blindadas (seus carros podem ser) e estão sujeitas a roubos, violências ou à desaprovação de leitores, especialmente se cometem textos fúteis sobre questões tão críticas como essa.

As críticas não foram ao apresentador e sim à cantilena dos ricos de que trabalham “muito” e “pagam impostos”. Esse discurso deixa a impressão de que quem “paga uma fortuna de impostos” tem mais direito a segurança do que quem paga menos por não ser rico. E, como se não bastasse, faz parecer que quem não é rico, é porque trabalha pouco.

#

“Riqueza”, “pobreza” e “trabalho” foram categorias centrais dos discursos em confronto. Primeiro, a partir de uma perspectiva principalmente moral, embora não apenas, focalizando de modo preponderante o aspecto individual, ou seja, colocando o indivíduo como fonte e como centro da sociedade:

É completamente errado pensar que todos que são ricos só o são porque roubam ou desviam dinheiro. Existem pessoas ótimas neste país que trabalham desde cedo e, ao invés de sentar para reclamar da vida, correm atrás de seus sonhos: ter dinheiro e viver bem de vida.

O mais interessante é que o próprio Luciano Huck atira pedras neste ladrão mas defendeu outro “acusado de roubo”. Lembram? É... o rabino Henry Sobel, que foi gravado “retirando” gravatas de marcas famosas e caríssimas de lojas de Miami. Ele também tem bom gosto. Flagrado pela polícia e autuado, ele correu para o Brasil, onde a notícia simplesmente sumiu. Não antes de Luciano Huck ter tempo de defender o líder de sua religião.

Luciano Huck faz parte da “elite branca”, e sob nenhuma hipótese deve se envergonhar disso. Ele faz parte dela porque trabalha de sol a sol, e paga altíssimos impostos, sem os quais a “elite preta”, não muito chegada ao trabalho, não estaria recebendo as benesses da bolsa família (e não me chamem de racista, por favor, não estou falando de negros).

Nem as ideias do programa [de Luciano Huck] são originais; mas também não são roubadas; são “adaptadas”.

Talvez o correria não tivesse alternativa. Mas também talvez o correria não quisesse alternativa. Para muitos, estudar dá trabalho, é chato, nem há muitas condições para isso – não que inexistam condições, mas são poucas e duras.

Não venham me dizer que ele virou bandido porque nasceu pobre. Existem milhões de pessoas que nasceram pobres, são pobres e vão morrer pobres, mas têm uma coisa que se chama dignidade e vergonha na cara. Não é porque sou pobre que vou ficar defendendo bandido. Se ele tem e usa um Rolex é porque trabalhou para comprá-lo e devia ter o direito de usá-lo. É lamentável.

Outras manifestações bateram igualmente nas teclas da “riqueza”, da “pobreza” e do “trabalho”, mas preferindo um viés mais decididamente político. Contudo, mesmo neste caso a perspectiva individualista só raramente desapareceu:

(...) sempre tive um pé atrás com aqueles que teimam em afirmar seus direitos em ostentar a riqueza que honestamente conquistaram. Ainda que as palavras “riqueza” e “honesto” sejam bastante incompatíveis entre si, – preciso lembrar a mais-valia de Marx?

Sou empresário, pago meus impostos, tenho condições de ostentar uma boa vida. Por que não posso fazer isso? Nós, cidadãos cumpridores de nossos deveres, não temos culpa da desigualdade que assola nosso país. Sem menosprezar ninguém, quem vota em corrupto, na maioria das vezes, são essas pessoas que se dizem excluídas, marginalizadas, pois vendem seus votos a troco de cestas básicas, dentaduras, consultas médicas... Se um candidato sério pedir seus votos e não prometer salvar o mundo, ele não terá votos.

Até parece que nenhum esquerdista ou socialista consome drogas, incrementando com isto o tráfico. Só os ricos, os filhinhos-de-papai abastados compram e consomem drogas?

Segundo o raciocínio das esquerdas, qualquer cidadão só não tem posses e dinheiro por causa do maldoso sistema capitalista, nunca por opções pessoais. Como tal, é mais do que aceitável roubar dos ricos.

É um engano pensar que a pobreza é culpa única e exclusiva dos mais ricos. Não importa o quanto se pague de impostos, nem o quanto é gasto para sustentar a vagabundagem socialista incrustada na máquina estatal.

Houve também manifestações que procuraram reunir a vertente de julgamento moral à de avaliação política. Nesses casos, além dos mesmos argumentos já elencados, quase sempre se desembocou em juízos extremamente severos a respeito do País, de sua população e especialmente de sua classe política. No entanto, independente das posições assumidas – que o querem maior ou menor, mais ou menos atuante – nunca se problematizou a existência mesma do Estado e de suas instituições – a polícia, a escola, os meios de comunicação, etc. E em geral também não se questionou de modo radical a existência da propriedade privada:

No caso do Brasil, o noticiário de política está insuportável, limitado, essencialmente, a denúncias de corrupção e articulações sucessórias distantes. É como se fosse uma mesma novela sem fim, na qual já confundimos todos os personagens.

Somos um povo carente de heróis: políticos corruptos, polícia corrupta, empresários corruptos que adulteram o leite, uma incontável cadeia de corruptos... Nesse quadro de desolação social, surge o Capitão Nascimento.

É, como canta o Skank, com *Esmola*: “Se o País não for pra cada um/ Pode estar certo, não vai ser nenhum”. Enquanto as oportunidades forem tão diferentes e desiguais, restará a muitos a revolta. Nem sempre pacífica. Nem sempre defensável, mas compreensível. A honestidade, o trabalho honesto, precisa começar a dar ibope no Brasil. O caldeirão está aí, já fervendo, já derramando sangue.

(...) a verdadeira causa da miséria, ou seja, a corrupção, o desvio, o clientelismo, o empreguismo, o Estado gastador, a ineficiência e o alto custo da máquina estatal, a politicagem das ações sociais, o ineficiente sistema legal, o ultrapassado sistema trabalhista que só fomenta o desemprego e a informalidade, o contrabando, a corrupção policial, o sistema político ineficiente e não representativo, os desvios com as tais Ongs sociais, os desvios para ideologia do MST.

Ninguém vê que a maioria dos políticos também tem Rolex, só que esses foram comprados com o meu, com o seu, com o nosso dinheirinho.

Infelizmente, os homens que têm nas veias alguma dignidade herdada de pais dignos, não se apresentam para assumir uma posição política, seja por insegurança ou por ausência total de apoio do sistema. Os que se apresentam para ser vereadores, deputados, senadores são o lixo requintado da sociedade podre. São o que representam ostensivamente as características de egoísmo, luxúria, ignorância, estupidéz, depravação moral. Reis da mentira, cretinos, impotentes e bestas.

(...) os ricos e os pobres viraram lúmpen e se merecem mutuamente, porque nem existe a pureza popular, nem a elite nunca abandonou sua posição de total menosprezo à miséria. Não existe pureza na pobreza nem benevolência inculpável na opulência.

As críticas ao País, ao povo, à política e aos políticos continuam numerosas, sempre na mesma toada:

Continuamos culpando a sociedade, o tráfico, continuamos embarcando na onda da guerra ao tráfico (para alegria dos vendedores de armas), culpando os “playboys cheiradores”, os “correrias”, políticos, policiais e magistrados corruptos, os advogados do crime organizado – já apontamos quase todos! Mas só fazemos promulgar leis mais duras que não conseguimos cumprir, ou descarregamos nossas consciências em discutíveis ONGs e na suposta função social das empresas – o que muitas vezes nada mais é do que transferir a responsabilidade do Estado (único que teria recursos e meios suficientes para mudar radicalmente o panorama). E continuamos comprando armas, muitas armas, para fazer guerra contra meninos e adolescentes.

De um lado, trabalhadores desmoralizados pelo desemprego e rendidos ao imaginário burguês; de outro, uma burguesia ressentida e lamentável, invejosa de suas congêneres do Primeiro Mundo, queixosa de não morar lá, além de amargada com a insegurança local, que azedou os seus privilégios.

A ideia de a nossa sociedade evoluir para algo mais justo passa pelo respeito às leis, coisa que nós, brasileiros, temos certa dificuldade de fazer. Vivemos num país onde o cenário é triste. São mendigos espalhados pelas cidades. São crianças descalças que rondam pelas ruas pedindo esmola e outras nos sinais de trânsito fazendo malabarismo para sobreviver. Sem falar dos que vivem em condições sub-humanas no interior do país.

Enquanto houver celebridades acumulando cifras e outros sobrevivendo com trocados, haverá violência. A desigualdade social é o mais grave problema que acomete a sociedade e não deixa de ser também uma forma de violência.

Os meios de comunicação ocuparam o centro do debate. Questionaram-se os critérios que norteiam a escolha daquilo que será notícia, bem como os privilégios que são concedidos pelos meios às pessoas famosas ou de poder:

Não por acaso, o roubo de relógios de ouro em São Paulo foi matéria do programa “Fantástico”, da Globo, no último domingo, 7 de outubro.

Só aqui em São Paulo, neste ano, já aconteceram vinte chacinas com grande perda de vidas e não vi nenhuma manchete indignada com isso. Será que a frustração das pessoas não advém de fatos como este?

O que se deve ter em foco é a repercussão que o assalto ou violência, a que todos nós cidadãos, ricos ou pobres, estamos sujeitos, recebe quando ocorre com uma “celebridade” (...) Da mesma forma, os diários se escandalizam quando a vítima da violência é alguém de classe mais alta, em contraponto à omissão no relato de casos que acontecem aos milhares em locais menos nobres das cidades.

Neste episódio, algum jornalista na Folha, provavelmente contrário à criação de órgãos regulatórios para sua profissão, presentes em dezenas de outras categorias, decidiu que isto seria notícia e pronto. Agora, qual terá sido o critério adotado para esta decisão? Será que foram os seis milhões de dólares da fortuna pessoal do apresentador? Será que foi a sua notoriedade? Será que foi sua dita competência como empresário e presidente de ONG? Será que foi sua retórica de botequim? Ou será porque temas como este vendem jornal?

Defensores da mídia, se existentes, preferiram não se manifestar. Houve raras exceções, mas, segundo o material pesquisado, estas pareceram se limitar a elogios aos programas apresentados por Luciano Huck ou tiveram aspecto de material publicitário visando à promoção pessoal da vítima e de sua Ong – como se pôde ver algumas páginas atrás, quando demos voz aos defensores do apresentador. Em sua grande maioria, as

manifestações não perdoaram o que consideraram como baixa qualidade do conteúdo da programação dos meios, em especial no que diz respeito à televisão:

Os meios de comunicação dirigidos à massa popular, não contribuem com a educação e formação social. Loiras bonitas e garotões sarados não acrescentam nada a nossa formação e ganham salários exorbitantes. É essa a cultura das massas... É lamentável!

O que este senhor Huck faz, de fato, para minimizar a violência, as diferenças sociais, a falta de oportunidade da maioria da população? Pelo que sei, seu programa semanal apresenta somente besteiro desmedido e o culto à futilidade que em nada contribuem para a educação ou melhoria da nossa sociedade.

Paradoxal é o fato do Sr. Huck ser apresentador da TV Globo, mesma rede de televisão (aliás, como muitas das demais) que incentiva consumismo irreal, age cinicamente e divulga muito dos piores valores que assolam o Brasil. A rede que não hesita em manipular informações para eleger quem de seu gosto e conveniência. A Rede Globo tem culpa nesse cenário. De resto, a televisão brasileira é, em sua maioria, extremamente antidemocrática, excludente e irresponsável, adotando no mais das vezes uma linguagem maniqueísta e infantil em sua programação.

Conclusão

Nem sempre os conflitos correspondem à ruptura do fluxo fundamental da vida social. Há ocasiões em que o confronto aberto a respeito de algumas dimensões da sociedade implica consenso tácito sobre o que merece ser explicitado e discutido. Ao mesmo tempo, esta escolha é tendencialmente consenso sobre as dimensões da sociedade que devem permanecer fora de discussão. O roubo da joia do personagem midiático trouxe à superfície questões abrangentes e que aparentemente ou à primeira vista transcendiam o incidente local, tais como desigualdade social, desemprego, propriedade privada, caos urbano, insegurança, educação, justiça, miséria, democracia, direito de manifestação, entre outras.

Por um lado, os envolvidos no debate organizaram-se em campos diversos e contrários, posicionando-se de modos superficialmente e à primeira vista diferenciados sobre estas questões, apresentando suas versões sobre as mesmas – versões que são variações particulares em torno daquelas questões centrais. Por este caminho, o crime individual assumiu dimensões políticas. Acontece, por outro lado, que nesta política o consenso parece ter prevalecido sobre o dissenso e o primeiro parece haver subsumido o segundo.

Embora não se possa de início qualificá-las de políticas, as acusações pessoais foram recursos recorrentes nas argumentações. Em vez de tematizar conteúdos lógicos ou políticos, foi frequente entre os polemistas, como já registramos, a estratégia de desqualificar os enunciados dos oponentes desqualificando seus enunciadore. No entanto, é muito importante observar que nesta estratégia não se tratou propriamente de uma fuga da questão política. Muito pelo contrário, o ataque pessoal correspondeu à operação da própria lógica política que presidiu os raciocínios em confronto: as perspectivas moral e individualista parece haverem largamente preponderado no debate.

No caso do individualismo, esta preponderância se deu de modo muito arraigado e pleno de consequências, pois, independente das posições adotadas no debate, o indivíduo quase sempre conservou sua posição de fonte, de centro e de razão de ser da sociedade. Foi esta perspectiva individualista e moral que prevaleceu quando os querelantes teceram seus juízos extremamente inclementes a respeito do País, de sua população e especialmente de sua classe política: por isso os manifestantes atacaram os políticos, não a política; o povo entendido como agregado de individualidades, não como coletividade una; os poderosos, não o poder. Mesmo quando as manifestações incidiram com viés decididamente político sobre assuntos como riqueza, pobreza e trabalho, tal perspectiva individualista-moral raramente desapareceu dos dados da pesquisa.

Alguns temas permaneceram intocados, silenciosamente consensuais, independente das posições assumidas no debate. Por exemplo, houve os que o desejavam maior ou menor, mais ou menos atuante, mas nunca nos dados sobre o debate se problematizou a existência mesma do Estado. Coerentemente, nenhuma voz se levantou para inquirir a necessidade das instituições estatais, tais como a polícia, a escola, os meios de comunicação de massa, entre outros. Pelo contrário, estas instituições pareceram ser tidas como naturais, como de necessidade autoevidente – e o que se deplorou foi a ação insuficiente e/ou a baixa eficácia da atuação das mesmas. Talvez novas investigações sejam necessárias, mas, visto globalmente, o próprio debate se transformou em ato de reconhecimento da necessidade do Estado e de suas instituições. Fruto talvez das próprias premissas individualistas que o organizaram, salvo exceções raríssimas no debate também não se questionou de modo radical (muito pelo contrário, aliás) a existência da propriedade privada.

“Sem ela [a propriedade privada], estaríamos de tacape na mão, puxando as moças pelos cabelos”.

Seria esta a síntese silenciosamente consensual?

José Carlos Rodrigues
Professor da PUC-Rio

Juliana d'Arêde
Bolsista PIBIC, CNPq/PUC-Rio

Referências bibliográficas

- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- RODRIGUES, J.C. *Comunicação e significado*. Rio de Janeiro: Mauad/PUC-Rio, 2006.
- TURNER, V. *Dramas, fields and metaphors*. Cornell University Press, 1974.
- _____. *From ritual to theatre*. New York: Performing Arts Journal Publications, 1982.
- _____. *The anthropology of performance*. New York: Paj Publications, 1986.

Resumo

Este artigo pretende analisar as manifestações ocorridas na internet na sequência do assalto de que foi vítima o apresentador de TV Luciano Huck. Nesta ocasião, o apresentador teve roubado o seu valioso relógio da grife Rolex. Um incidente localizado, ocorrido em um sinal de trânsito de uma cidade determinada, expandiu-se dramaticamente na mídia como acontecimento de importância nacional. Tais manifestações nos fornecem interessante material para refletirmos sobre representações sociais relativas à sociedade brasileira. Neste sentido, estas manifestações serão tomadas como dramas, na linha sugerida por Victor Turner: ao dramatizarem acontecimentos, pessoas e grupos problematizam questões efervescentes de sua sociedade e procuram encaminhar para as mesmas soluções que são ao menos simbólicas.

Palavras-chave

Brasil; Internet; Dramas; Representações.

Resumé

Cet article a pour but d'analyser les manifestations qui ont eu lieu dans l'internet lorsque Luciano Huck, un présentateur d'émissions télévisives très connu de la population brésilienne, a été victime d'un assaut et a perdu sa montre de la griffe Rolex. Cet incident localisé, dans un point particulier d'une ville particulière, s'est multiplié dans les média d'une façon dramatique comme un événement d'importance nationale. Selon notre hypothèse ces manifestations présentent des données importantes pour une réflexion sur les représentations sociales à propos de la société brésilienne. Dans ce travail ces manifestations seront prises comme des drames, suivant le sens sugeré par Victor Turner: lorsqu'ils dramatisent les événements, les personnes et les groupes se posent des questions qui sont effervescentes dans leur société et cherchent à leur fournir des solutions au moins symboliques.

Mots-clés

Brésil; Internet; Drames; Représentations.